IN MEMORIAM

morte, arquitetura e a necrópole contemporânea

A NECROPÓLE CONTEMPÔRANEA

Os cemitérios, mais que contentores de memórias, são representantes de uma realidade contemporânea de esconder o morto, mas, ao mesmo tempo, marcar a presença de um indivíduo que partiu. E o encontro com o ser ausente num espaço visível.

A arquitetura, como memória feita em pedra, nos faz pensar os cemitérios como espaços fossilizados. Huyssen (2000) chama a atenção à lugares de memória que compensam meios de memória. Assim, os cemitérios não deixam de ser uma forma de compensação do sentido de morte no homem contemporâneo. Espaços que existem por si só, ainda que lhes faltem significado.

Essa musealização que compensa a perda das tradições é uma consequência de uma obsessão cultural: não queremos ser esquecidos. Materializa-se em monumentos e cemitérios, representações de uma memória sem identidade que faz perceber a possibilidade de um projeto que reflita um desejo de rememoração produtiva da morte.

O projeto que aqui toma forma deve servir como um local de memória ativa, viva e incorporado no cotidiano da cidade. Um resgate do sentimento de morte que se perdeu, estruturado a partir de um local presente no imaginário coletivo. Assim, o crematório é, antes de um espaço de lamentação e rememoração, um monumento a vida. Monumento no sentido de sua dimensão pública, muito antes que um memorial, um espaço de encontro dos vivos com os mortos, da vida ante a morte. Espaço de meditação em uma sociedade que, na sua busca incessável de demonstração de felicidade, nega a única certeza da vida: o seu fim.

PENSAR A MORTE

Mesmo os homens sobrepondo-se uns aos outros nos mesmo locais, apagando os traços de seus predecessores, há uma sensibilidade moral no espaço dos mortos que garante o respeito pelas necrópoles e, consequentemente, sua manutenção.

O homem sempre teve uma relação de proximidade com a sua finitude. Seja pela morte presente no espaço urbano, seja pela sua frequência, sua familiaridade era como uma forma de aceitação da ordem da natureza.

Mais ainda, ela era pública. Ocupava os espaços das igrejas e dos cemitérios, locais habitados, de maneira que a morte estava envolvida no cotidiano urbano. A saudade do outro traz consigo a necessidade de um local para visita. O próprio evento de morrer era público, uma cerimônia aos familiares, amigos e principalmente, ao morto.Sendo assim, a morte modificava o espaço e o tempo de um grupo social.

Entretanto, a morte contemporânea é evaziada de significado. A sociedade já não faz uma pausa: o desaparecimento de um indivíduo não mais lhe afeta a continuidade. Tudo se passa na cidade como se ninguém morresse mais. A morte deixa de ser natural. Morre-se porque os médicos não conseguiram curar.

Consequentemente, tem-se a supressão do luto. É importante atentar-se, contudo, que essa supressão do luto não ocorre devido à frivolidade dos sobreviventes, mas sobretudo, pelo constrangimento da sociedade que se recusa a participar da emoção do enlutado, como forma de recuar a presença da morte em sua realidade.

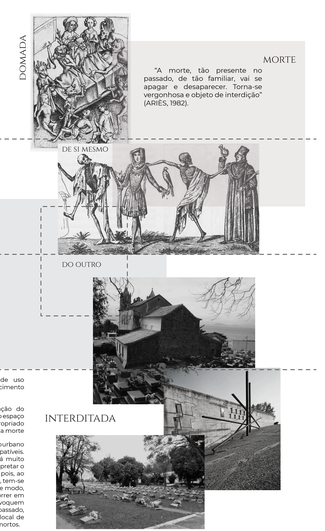
O luto é tratado como doença. A morte é excluída.

As mudanças radicais na mentalidade da morte, ocorridas no século XX, têm repercussões não apenas psicológicas, mas dentro do espaço público também. O esvaziamento do sentimento da morte, consequentemente, reflete um esvaziamento dos cemitérios urbanos.

Desta maneira, os cemitérios configuram áreas de uso cristalizado, que sofrem um processo de inércia e esquecimento pela sociedade.

Como resposta, propõe-se para local de implantação do crematório a busca por uma área que permita a troca entre o espaço dos mortos e o espaço dos vivos, um local que possa ser apropriado pela população, ao mesmo tempo que marca a presença da morte na cidade.

Fazpensar ainda que a morte presente no cotidiano urbano e a desmaterialização dos corpos parecem um tanto incompatíveis. O que se entende é que o homem contemporâneo está muito mais ligado a um mundo virtual. Assim, seria engano interpretar o desaparecimento do corpo como sinal de esquecimento, pois, ao mesmo tempo que há a recusa da materialização do corpo, tem-se o caráter pessoal e privado do pesar e da lembrança. Desse modo, percebe-se que a desmaterialização dos corpos pode ocorrer em contrapartida à materialização de espaços e símbolos que evoquem uma relação com o imaterial e a memória, uma reflexão do passado, adoração do invisível. Antes mesmo que necrópole, um local de recordação e silêncio, que acolha os vivos e dignifique os mortos.



"A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer . Torna-se vergonhosa e objeto de interdição" (ARIÈS, 1982).

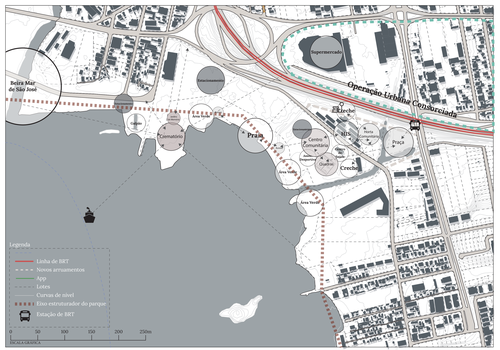
As investigações da morte de Florianópolis nos levam a região continental da capital de Santa Catarina. Possuindo apenas uma necrópole, hoje com suas vagas já esgotadas, é evidente a necessidade de um espaço funerário para o local.

Chama atenção um recorte. Um local que permite fazer uma ponte entre as diversas áreas públicas da costa sul, permitindo o desenvolvimento de um parque conectando uma série de áreas verdes e de lazer.

É, contudo, um recorte marginalizado. Uma área cercada por barreiras e excluída da malha urbana. Ainda que dotada de uma habitação de interesse social e alguns equipamentos comunitários, é um local à margem, marcado por estigmas.

É proposto assim, um parque ao qual se insere ao programa a implantação de um crematório. Seria a qualificação de uma área urbana através de um equipamento que é visto como negativo, dotado também, como a região, de estigmas. Uma forma de ver a morte por outro olhar e representar que vida e morte podem ocupar o mesmo espaço.

MACROZONEAMENTO DA PROPOSTA DE PARQUE DO ABRAÃO



O intuito da proposição do parque é, além da implantação de um crematório em um local que permita a apropriação da população do espaço e convívio entre vida e morte, garantir a qualificação da área para a comunidade que circunda o Conjunto Habitacional Abraão.

Assim, como forma de integrar o recorte, propõe-se a conexão com os bairros da região através da abertura de uma via que contorna a habitação e uma praça que permite a integração com ela e a estação de BRT, considerada a partir da proposta de implantação da linha de BRT troncal do plano de mobilidade de Florianópolis. Assim, reforça-se o potencial de conexão e integração de modais da área, bem como se permite uma reaproximação da área com a vizinhança.

Entendendo ainda a fragilidade da comunidade, devido às barreiras físicas e socias existentes no local, busca-se também propor equipamentos que ajudem na criação de uma identidade coletiva para seus habitantes. Assim, propõe-se a implantação de uma horta comunitária, aberta à comunidade e com relação direta com as creches do recorte, bem como um centro comunitário, espaço para reuniões, festas, como também um apoio às quadras da associação desportiva do Abraão, hoje abandonada.

Por mais que se busque no projeto a presença da morte na cidade e apropriação dos espaços dedicados a este fim pela população, entende-se que as pessoas que estiverem ocupando o crematório se encontram em um momento de vulnerabilidade, devido a perda de um ente. Assim, escolhe-se como local para implantação do crematório um ponto um pouco mais afastado da região de intensa vida urbana do parque, contudo, um ponto focal dele. Desta maneira, através da criação de eixos focais, é possível criar uma percepção dinâmica do projeto, variando conforme o local de observação, ao mesmo tempo que é garantida certa privacidade aos ocupantes da arquitetura, em seu momento de despedida.

Ainda que haja privacidade, a arquitetura não é isolada. Conecta-se ao parque pelo mesmo equipamento que é proposto para interligar as áreas verdes e de lazer da região continental, de forma a reforçar toda a unidade da proposta.

EQUIPAMENTO CONECTIVO

PLATAFORMA

O eixo estruturador da proposta de integração das áreas verdes e de lazer da região continental de Florianópolis é dado por um equipamento de baixo impacto de implantação. Uma plataforma dinâmica e integradora, fazendo a conexão destes locais, ao passo que permite a criação de novos espaços e reforça a paisagem natural do área. Seria dotada por:

Áreas de travessia e passagem
Áreas de contemplação
Preservação
Áreas de estar
Acesso às praias

EIXO DE ACESSO AO CREMATÓRIO

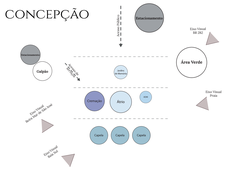
Propõe uma aproximação da região do crematório para desenvolvimento do parque, a fim de demonstrar as relações da arquitetura com o entorno e a linguagem imaginada para todo o complexo.

A aproximação chama a atenção para o galpão de pescadores próximo ao local, ao qual é proposto um redesenho da via, de forma a permitir a criação de um estacionamento de apoio e acesso aos galpões, bem como criação da via de acesso de serviços do crematório, por onde chegariam os carros funerários e os veículos de carga e descarga.

A entrada pública seria distinta. O visitante chegaria ao local pelo eixo existente da antiga fazenda do local. Vindo pela via pública ou pelo estacionamento, o eixo direciona o visitante à arquitetura, que aos poucos é apreendida conforme a aproximação. Trabalha-se um eixo arborizado, imaginando-se na própria vegetação uma leitura do conceito proposto, trazendo ao longo do eixo diferentes florações e folhagens que representariam através de cores e cheiros diferentes momentos da vida, ciclos. As linhas da paginação dos pisos também teriam este significado, uma releitura de vidas, vidas paralelas, vidas que se cruzam, vidas que seguem.

Ao fim do eixo o visitante chegaria a plataforma do parque, percebendo a unidadedo conjunto e de onde teria o primeiro contato com os jardins de memória. Ainda da plataforma poderá acessar a arquitetura, através da galeria que faz a transição de interior e exterior do projeto.

CONCEPÇÃO



Da mesma forma que o parque, a arquitetura é desenvolvida em camadas. Os jardins de memória seriam os espaços dedicados a reflexão e meditação. Seriam o local de lembrança, que permite o contato com o imaterial.

A distribuição interna ocorreria por um grande átrio, que distribui os fluxos da arquitetura. Neste nível, tem-se a parte de cremação, circulação e administração.

A camada mais profunda seria composta por capelas. Novamente, entendendo a fragilidade dos ocupantes delas, opta-se por dar ao local uma privacidade, ao mesmo tempo que, ao fazer os visitantes atravessarem toda a arquitetura é permitida a apreensão da morte envolvida no objeto arquitetônico. Acredita-se ainda, que ao longo do próprio percurso, o visitante possa ir se familiarizando com a atmosfera do local, de modo que o encontro entre o sobrevivente e o morto não seja tão brusco.

Propõe-se um espaço de pausa. Local de reflexão. Uma soleira entre o material e imaterial. Um marco da morte na cidade, que faz pensar seu significado, ao passo que permite o contato com o que está além de nossa compreensão.

A arquiteturá é desenvolvida em blocos, reforçando o seu trabalho em camadas, bem como os eixos visuais observados na área. São concebidos de modo a garantir diferentes percepções do projeto, trazendo uma forma dinâmica e plural, fugindo da criação de um monumento monolítico e sem significado. Observa-se ainda o potencial da paisagem, orientando-se as capelas para as pedras localizadas no mar, elementos de identidade da paisagem e do folclore da cidade. Toda a arquitetura é conectada por uma grande galeria que faz a transposição do interior e exterior, bem como a transposição da arquitetura em si. Todo o projeto é imaginado ao longo de um percurso, um ciclo, uma imersão.

PLANTA BAIXA CREMATÓRIO

FACHADA LESTE

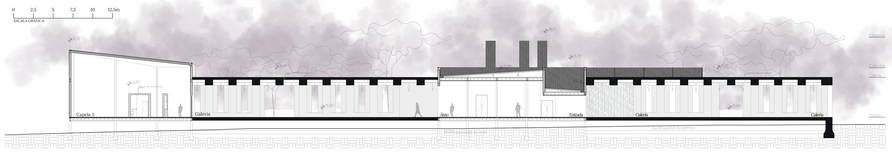
FACHADA SUL

A própria materialidade do projeto busca uma aproximação do homem com sua finitude. Opta-se por explorar a verdade dos materiais, trazendo estruturas aparentes e materiais sem revestimentos. Para a galeria, uma estrutura em concreto aparente, com toda a sua temporalidade exposta no material. Para os blocos, uma estrutura metálica marcada na fachada pelos pilares aparentes e com as vedações trabalhadas com painéis de madeira. Por dentro, vê-se a madeira viva, enquanto por fora, trabalha-se a carbonização da madeira como forma de tratamento contra agentes biológicos. De fora, vemos morte, de dentro da arquitetura da morte, vemos vida.

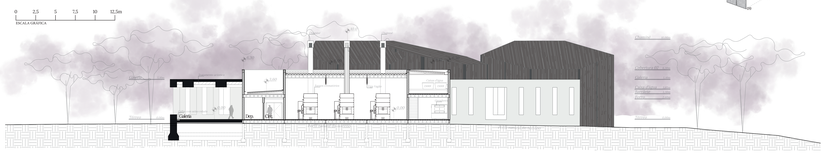
ESQUEMA ESTRUTURAL BLOCO CREMATÓRIO

ESQUEMA ESTRUTURAL CAPELAS

CORTE AA



CORTE BB



GALERIA E JARDIM DE MEMÓRIA

GALERIA, JARDIM DE MEMÓRIA E CREMATÓRIO

CAPELAS

GALERIA E ENTRADA DAS CAPELAS

INTERIORES DAS CAPELAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
ACADÊMICO: BRENO FRANCISCO AYRES
ORIENTADOR: EDUARDO WESTPHAL

MORTE ARQUITETURA